

**Narrar é Conhecer: Tecendo e Mapeando as Narrativas dos Atletas Olímpicos
Brasileiros**

Carlos Rey Perez^a

Resumo: Ao narrar uma história estamos fortalecendo e criando significados. Ao narrar recebemos o conhecimento do mundo e de si mesmo mediado pela temporalidade. As histórias de vida são um instrumento para captar e organizar a memória, a maneira individual do que é transmitido e se insere na cultura social da qual o narrador pertence. A partir disso, o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre as narrativas dos atletas olímpicos brasileiros através dos diversos elementos presentes em suas histórias.

Palavras-chave: Narrativa, narrativa biográfica, história de vida.

Abstract: When narrating a story we are strengthening and creating meanings. When narrating received the knowledge of the world and yourself mediated temporality. Life stories are a tool for capturing and organizing memory, individual way of what is transmitted and inserts on the social culture of which the narrator belongs. From this, this paper aims to reflect on the narratives by Brazilian Olympic athletes through the various elements present in their stories.

Keywords: Narrative, biographical narrative, life history.

^a Bolsista CNPQ - EEFÉ-USP - reyperez@uol.com.br

Introdução

Adoramos narrar ou contar histórias de eventos que aconteceram conosco, ainda mais quando relatamos algo curioso, engraçado ou assustador. Não perdemos tempo em se aproximar de alguém para conta-la. E dependendo das circunstâncias podemos encurtar, alongar ou maquia-la. Porém, se não for uma boa história, nossa tendência é não prestar atenção, nossos pensamentos rumam para outras coisas e queremos uma breve conclusão, ao contrário das histórias bem construídas e elaboradas. Assim, porque narramos nossas experiências?

Narrar ajuda a formar significados e o conhecimento que construímos a respeito do mundo e de si mesmo, decodificando e predizendo nossas experiências pessoais, e com isso, permitindo dizer algo significativo sobre quem somos. Os sistemas simbólicos que as pessoas usam para construir significados são sistemas profundamente enraizados na cultura e na linguagem, que já estavam presentes antes mesmo do nascimento. Essa significação humana sobre a experiência vai ser elaborada, pela narração, pois possibilita à pessoa interpretar os fatos vivenciados, construindo uma significação pessoal sobre eles e, assim, integrar-se com o mundo. Nesse sentido, o significado é uma produção única, singular, de cada pessoa, a maneira pelo qual interpreta suas experiências¹.

Ao narrar nossas histórias incluímos o conhecimento que temos sobre o mundo, compreendemos nossas experiências pessoais, bem como predizer e explicar a vida². A narrativa é um esquema organizacional que se expressa sob a forma de uma história, englobando o que foi feito, o que foi sentido e o que foi acreditado, e ainda, é uma das formas de expressividade através do qual os eventos de vida estão conjugados em coerência e significância, temas unificados³. Quando organizamos nossas experiências também estamos ordenando-as temporalmente. Uma das propriedades principais da narrativa é a sua intrínseca sequencialidade, já que todas as histórias têm princípio, meio e fim, numa trama que descreve uma sequência de ações e experiências de certo número de personagens reais ou fictícios¹. A temporalidade inicia a narrativa que se organiza entre um momento inicial e final, e entre esses eles expomos as sequências de um fato ou acontecimento.

Em síntese, na construção da narrativa inserimos elementos do conhecimento do mundo (objetivo), o conhecimento de si (pessoalidade e consciência) e uma temporalidade (passado, presente e futuro). Nesse sentido as narrativas pessoais ou autobiográficas podem ser uma importante ferramenta para acesso as construções que as pessoas fazem a respeito do que passa em suas vidas e assim podemos entender a subjetividade e complexidade do ser humano e do mundo em que vivemos.

A partir disso, pretendo nesse texto refletir sobre as narrativas biográficas das trajetórias dos atletas olímpicos brasileiros^b e contextualiza-las sobre o universo dos elementos narrativos.

1. Conhecimento Narrativo

Quando os atletas estão narrando suas vidas eles estão descrevendo e transmitindo conhecimentos. E nos deparamos em suas histórias com as mais diversas formas de relatos. Havia aquele que contava todos seus feitos atléticos desde quando era criança até a fase adulta e mesmo no pós-atleta (aposentadoria), linhas e linhas de resultados em competições, troféus e campeonatos conquistados. Aquele que contava somente sua vida fora do esporte, outros que não queriam lembrar do passado e ainda aqueles que contavam as mazelas dos bastidores do esporte, de como foram destituídos da vaga olímpica por causa da politicagem ou mesmo quando tinham que se submeter a práticas antiéticas para permanecer com sua vaga.

Sobre o conhecimento, Popper⁴ argumenta que para a aquisição de um novo conhecimento desenvolve-se sempre como resultado da modificação de conhecimentos prévios. O ponto inicial desse processo são os conhecimentos inatos. O que há de especial no conhecimento humano é que ele pode formular-se na linguagem, em preposições, assim, o conhecimento se torna comunicável, objetivo e compreensível aos outros, além de ser criticável. A linguagem torna-se o meio que podemos nos apropriar dos conhecimentos produzidos pelos outros.

Popper⁵ propõe a existência de três mundos. O mundo 1 seria o mundo físico, é constituído de todos os seres vivos e os objetos construídos pelo homem. O mundo 2

^b Projeto “Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos Brasileiros”, sob a coordenação da Prof^a Dr^a Katia Rubio.

teria as percepções sensoriais dos objetos do mundo 1, ou seja, pela subjetividade ou conhecimento subjetivo. E o mundo 3 constituído pelo conteúdo de pensamentos ou pelo conhecimento objetivo, fazendo parte desde mundo toda a cultura humana (teorias, narrativas, argumentos críticos, etc.). Para Popper todo o conhecimento do mundo 2, bem como do mundo 1, seria absolutamente dependente do 3, uma vez que toda observação é fatalmente conduzida por uma teoria. Assim, a subjetividade presente em nossas sensações e intuições não poderia estar presente no conhecimento objetivo, visto que não poderia ser independente do sujeito conhecedor, não trazendo com isso um sentido lógico para a teoria. Ainda, segundo Popper o verdadeiro conhecimento, o objetivo, somente pode existir fora da mente das pessoas, que consiste no conteúdo lógico de nossas teorias, conjecturas e suposições.

Em contrapartida, Polanyi ^{6, 7} considera o conhecimento humano tendo como ponto de partida o fato que de nós podemos conhecer mais do que podemos dizer. Com isso ele quer dizer que a maior parte do conhecimento subjaz ao que efetivamente conseguimos explicar. Sobre o conhecimento, ele propõe um conceito baseado em alguns pressupostos fundamentais. A verdadeira descoberta do conhecimento não pode ser explicada por um conjunto de regras ou algoritmos, nem pode ser formulada por teorias sabendo que essa construção não segue regras específicas. O conhecimento é não só público, mas também pessoal, é construído pelas pessoas incorporando seus sentimentos e emoções. Assim, enfatiza-se que, mesmo na ciência, o intelecto está ligado a contribuição emocional do conhecimento pessoal. O conhecimento caminha por duas vias, o explícito e o tácito, sendo que o conhecimento explícito é primário e fundamental, e que todo o conhecimento é tácito ou nele fundamentado. Assim, definimos o conhecimento tácito como algo que simplesmente se sabe, mesmo na ausência da capacidade de explica-lo. E conhecimento explícito refere-se ao conhecimento que podemos articular, é aquele que geralmente utilizamos, por exemplo, na escrita, na matemática, etc. Nesse contexto, com a utilização da linguagem, conseguimos transformar o tácito em explícito, e este se torna alvo de reflexões e articulações. Polanyi ainda argumenta que o conhecimento humano é em sua maior parte adquirido através da experiência, e da interação com o meio social, assim podemos articular, gesticular e dramatizar a produção do conhecimento.

Em outra via, Bruner¹ argumenta que as pessoas entendem o mundo, a realidade, por dois caminhos muito diferentes. No pensamento de modo paradigmático buscamos compreender nossas experiências em termos de uma análise fundamentada, da demonstração lógica e da observação empírica. É uma forma humilde do pensamento de fazer história. Ele não é capaz de fazer sentido sobre o desejo humano, objetivos e conduta social. No pensamento de modo narrativo estamos preocupados com os desejos, necessidades e objetivos humanos. Este é o modo das histórias, em que lidamos com as instabilidades da intenção humana organizadas no tempo. Nesse modo, nós buscamos a explicação para os eventos em termos de “atores humanos que se esforçam para fazer as coisas ao longo do tempo”.

Em nosso trabalho de pesquisa com os atletas, *a priori*, temos a intenção de deixar o entrevistado discursar livremente com um mínimo de interrupção, assim temos apenas uma frase inicial, um convite: “nos conte sobre sua história de vida”, e muitas vezes, logo após essa frase, perguntavam: “Sobre minha vida pessoal ou no esporte?” e a resposta era: “Como você quiser”. Essa pergunta é apenas retórica, ela não necessita de uma resposta, o narrador quer uma ajuda para o início de sua argumentação. Quando o atleta nos conta sua trajetória é quase impossível dissociar o pessoal do esportivo porque é um só corpo e mente. Seria como pedir para que trocasse de roupa para poder narrar sua vida, ele está numa rede de conhecimentos interligada por diversas características pessoais, concretas e emocionais que se fundem com o objeto atuante naquele momento para fazer a articulação das ideias e pensamentos. Na narração subjetiva e embelezada do passado, o passado é construído - a história é feita. A história é considerada verdadeira ou falsa não apenas no que diz respeito à sua aproximação ao fato empírico. Pelo contrário, ela é julgada em relação a critérios como credibilidade e coerência. Na vida, há uma verdade narrativa que parece distante da lógica, da ciência e da demonstração empírica⁸.

O atleta na entrevista circunda várias vezes pelo conhecimento tácito e o explícito. Ao articular pormenores de como conquistou aquela vitória ou a vaga para ir aos Jogos Olímpicos, ele utiliza do conhecimento explícito, utilizando inclusive de informações técnicas que estão disponíveis no seu repertório. Mas quando narra aquele esforço final numa competição ou a sua dedicação em continuar no esporte

mesmo com todos os seus aspectos contrários, porém sem uma explicação consistente ou razão de ser, estava nos dizendo um conhecimento pessoal, o tácito. Segundo Machado⁹ se conhecemos muito mais do que podemos explicar, é porque percebemos muito mais do que o fazemos conscientemente. Ao fixar nossa atenção em um determinado ponto, registramos explicitamente um grande número de observações diretamente relacionadas, mas simultaneamente percebemos outro grande número de registros que não temos consciência. Ao trocarmos o foco, o que era nítido torna-se opaco, assim toda a perspectiva é sempre pessoal e toda observação é mediada por interesses pessoais e de nossas escolhas, ainda que estas sejam realizadas tacitamente.

2. O “Eu” Narrativo

Contar para os outros sobre nós mesmos é não é algo tão simples, primeiramente requer que saibamos quem somos e posteriormente saber o que os outros acham que deveríamos ser.

Para Damásio ¹⁰, a consciência é o principal ingrediente da mente, que, ao contrário, seria apenas cérebro, capaz de poucas operações básicas. A mente consciente, ao invés disso, têm diversos níveis de "si": primordial, central e autobiográfico. Assim como nos animais, temos um tipo de consciência muito simples, que é o eu primordial, que permite ter sensações, como sentir dor e prazer, mas não refletir sobre essas sensações. Para sermos humanos necessitamos dos outros dois níveis. No nível central estabelece-se uma relação entre as imagens sensoriais que representam o organismo, como as dadas pela primordial, e aquelas que representam o objeto observado. É nesse nível que temos certeza que estamos conscientes dos objetos que circunda a nossa volta e de nós mesmos. Segundo Damásio, é no nível central que temos a personalidade, mas não uma identidade. Para isso temos que incluir ainda nível autobiográfico, em que a mente representa simultaneamente as imagens de diferentes momentos da vida da pessoa. E com isso, o narrador pode se maravilhar com a redescoberta daquelas memórias que há tanto estavam adormecidas. Assim, somos capazes não só de sentir dor e prazer, mas também de ser reflexivos, ou seja, temos a capacidade de indagar, explorar e especular sobre nós mesmos e sobre o que

acontece conosco e ao que está ao nosso redor. Na nossa história e na memória, tudo o que acontece conosco é um eco do que passamos e ganha sentido no que acontecerá depois. Através da linguagem podemos escrever e descrever um roteiro de nossas vidas e com a tomada de consciência a reescrevemos quantas vezes for necessário.

A noção de pessoa é primitiva, porque não se trata de união de uma substância corpórea e outra mental. A noção de pessoa se faz por meio dos predicados que lhe atribuímos, predicados mentais (como pensamento e estados de consciência) e físicos. A pessoa é postulada como um sujeito de experiências e podemos distingui-la de outras pelo seu corpo em uma localização no sistema espaço-temporal e por suas características físicas. Por outro lado, ao distinguir um indivíduo o tomamos, não apenas como corpo material, mas como um sujeito de experiências. O que observamos primariamente são seus aspectos físicos e na observação de suas condutas atribuímos consciência aos seus atos.

Por meio das narrativas podemos construir nossa identidade, na expressão das palavras podemos dizer quem somos e quem queremos ser. Para Ricoeur¹¹, a narrativa constrói o caráter durável de um personagem, que se pode chamar de identidade narrativa. O conhecimento de si próprio é uma interpretação, que encontra na narrativa uma mediação privilegiada. Se não é possível um conhecimento direto de nós próprios, nada impede uma mediação interpretativa de nós mesmos, através do uso de uma linguagem narrativa.

Em nossas entrevistas aparece muitas vezes claramente, às vezes entremeada, à questão do que é ser atleta, e, encontramos em suas narrativas, adjetivos como determinação, superação, persistência, dom. Na sua grande maioria, eles tomam consciência que para ser atleta não basta apenas fazer algo corriqueiro, refletem que para atingir um objetivo precisam de um algo mais. Um exemplo disso é quando perguntamos como eles lidam com a dor. Sabemos que uma atividade física é essencial para uma boa qualidade de vida das pessoas, porém, a resposta que obtemos dos atletas é que o esporte de alto rendimento não é saúde. Muitos convivem com dores físicas eternas. No entanto, refletem e não há arrependimento sobre o fato

de ser atleta, que a dor é uma companheira e não uma adversária, mesmo que seja uma adversária implacável, faz parte da vida de ser um atleta.

3. Temporalidade Narrativa

Até aqui discutimos que as narrativas se constituem em um meio para compreender o mundo e a vida através de nossos conhecimentos e experiências e a nós mesmos traçando nossa identidade pelas interpretações conscientes que fazemos de nossa trajetória como pessoa. Agora, estabeleceremos como as narrativas podem fazer um elo entre o passado, o presente e o futuro, entre os eventos que fazem parte de nossas histórias de vida.

Podemos discutir que quando narramos nossa história de vida colocamos de uma forma cronológica e linear, do mais antigo para o mais atual. Lembro que li uma reportagem na internet sobre um artista fez uma montagem com fotos da evolução de uma pessoa desde o nascimento até a adolescência/fase adulta, é possível observar a evolução e transformação do ser no transcorrer do tempo. Em um primeiro momento, temos uma visão objetiva, o artista retratou esse mundo como um espaço repleto de objetos sem sentido que se moviam através de um plano temporal que fez até aquele momento final. Não podemos pensar o tempo como uma sucessão de instantes. Segundo Elias¹², podemos legitimamente afirmar que o relógio indica o tempo, mas ele o faz através de uma produção contínua de símbolos que só têm significação num mundo em cinco dimensões, num mundo habitado por homens, isto é, por seres que aprenderam a associar às figuras perceptíveis, imagens mnêmicas específicas, e, portanto, um sentido bem determinado. A particularidade do tempo está no fato de que se utilizam símbolos — hoje em dia, símbolos essencialmente numéricos — como meios de orientação no seio do fluxo incessante do devir, e isso em todos os níveis de integração, tanto física quanto biológica, social e individual. Com isso, podemos abstraí-la, a experiência humana é original, multifacetada, organizada e significativa. Na história de vida daquela pessoa, através da representação do tempo pela sequência de fotos, temos uma característica extremamente fina, cheia de nuances da sua experiência pessoal. A experiência humana é estratificada devido à forma como a maioria de nós compreende tais ações humanas como sendo organizadas no tempo, na verdade, a

nossa perspectiva temporal pode ser a maior responsável por nossa fascinação e aptidão para contar histórias⁸.

O tempo é um dos ingredientes da narrativa. O tempo pode ser o cronológico, o tempo do relógio, o tempo com um começo, meio e fim, não necessariamente nesta ordem, porque quem dá vida ao tempo da narrativa é o locutor, o contador da história. Na Grécia antiga havia uma diferenciação do tempo. O tempo *chronos* que é cronológico, sequencial e linear e o tempo *kairós* que é existencial, não determinado, quando algo de especial acontece. Na teologia cristã *chronos*, é o tempo dos homens e *kairós*, o tempo de Deus ^{13, 14}.

Mas não podemos esquecer que o tempo está atrelado ao ser humano e recorrendo a Ricoeur¹⁵, podemos não definir um objeto temporal, mas tecemos uma rede de estruturas de sentido que possibilitam o conhecimento ser compreendido. A narrativa é o modo de construção de sentido que exhibe várias experiências temporais³. No nosso caso, quando o entrevistado passa a descrever minuciosamente um fato ocorrido por mais que esse fato seja numa fração de segundo e delonga frases e mais frases para explica-lo, está utilizando sua rede de conhecimentos para que possamos compreender como aquilo passou a representar uma mudança em sua vida, por exemplo.

Narrar expõe as sequências de um fato ou acontecimento, e aqui temos uma relação temporal com o que se está narrando. Logo podemos associar com um filme que tem um começo, meio e fim. Mas quantas vezes assistimos a um filme que começa pelo fim? Assim para a compreensão da história não necessitamos de uma sequência cronológica de aparecimento dos fatos ou de antiguidade. Ricoeur¹⁵ faz a existência de uma “conexão significativa” entre a narrativa e a experiência humana do tempo, ele afirma que o tempo se torna tempo humano na medida em que está articulado de maneira narrativa, e que a narrativa é significativa na medida em que desenha as características da experiência temporal. Isto significa que os seres humanos tendem há compreender o tempo em termos de histórias. Ricoeur incorpora o conceito aristotélico de *mythôs*^c, entendido como a criação de uma estrutura de sentido, no processo de

^c O *mythos* para Aristóteles representava a narrativa fabulosa. É a alma da tragédia grega. Era a imitação dos personagens que agem, quer dizer, é sinônimo de ação, em termos de arte poética. O mito era o elemento mais

tecer as narrativas, a possibilidade de não definir o tempo, mas de conferir-lhe justamente uma estrutura de sentido que possa ser compreendido. Por meio de tecer as narrativas, portanto, que nossa experiência com o tempo se torna significativa.

O atleta ao narrar sua história de vida, relembra os fatos muitas vezes fora de uma ordem cronológica, por mais que tente fazê-lo. Há uma congruência entre passado-presente-futuro. Há situações em que o tempo começa no dia da sua iniciação esportiva, seja na infância, na adolescência ou na fase adulta. Ele se define como pertencente a uma classe, a classe dos atletas. E às vezes, tudo aquilo que ficou para trás, antes de ser atleta, não tem uma devida importância para a sua história. Há uma frase fundamental para o entendimento desse fato: “somente me tornei alguém por causa do esporte”. É como se seu tempo começasse naquele instante. O outro lado da moeda está em modalidades como do tiro esportivo e hipismo. Pessoas que após estarem realizadas em suas vidas profissionais começam a dedicar-se ao esporte de rendimento, já com uma idade avançada. Nesses atletas, as questões do tempo estão fundamentadas na sua longevidade esportiva, no futuro.

McAdams⁸ argumenta que conforme o tempo passa, os eventos acontecem, mas não de uma forma aleatória (as ações levam a interações, tentativas e consequências). Para muitos de nós, o tempo parece avançar e através de sua trajetória o ser humano muda, cresce, morre e assim por diante. Há um desenvolvimento e crescimento, bem como, a morte e a decadência. Quando compreendemos nossas ações ao longo do tempo, vemos o que fizemos em termos de história. Ultrapassamos obstáculos, sonhos realizados e frustrados. Avançamos de ontem para o hoje e de hoje para o amanhã, passamos de aflições para vitórias, de desafios para soluções e novos desafios, e continuamos a se mover e a mudar.

4. Considerações Finais

Finalizo com a citação de Ortega y Gasset¹⁶: "O homem é o homem e a sua circunstância". Para ele não é possível considerar o ser humano como sujeito ativo sem levar em conta tudo o que o circunda, começando pelo próprio corpo, pelo seu eu e a

importante para a tragédia. O texto poético pode existir sem o espetáculo cênico, mas nunca sem o mito, que contém o caráter e o pensamento. O mito proporciona a unidade do drama.

sua consciência, e chegando até o contexto histórico do qual faz parte. Para o ser humano avançar a níveis superiores de consciência não basta a sua capacidade intelectual de fazer descobertas, ou seja, a apropriação do conhecimento, mas incluem sentimentos de amor e entusiasmo seja pelo outrem ou pela própria ciência. A interação com o mundo que o cerca é uma peça fundamental, para isso, devemos compreender onde vivemos e ter uma ligação afetiva, dar um significado. Assim, o ser humano não vive afastado do espaço-tempo que se situa.

Muito se discute sobre qual é o maior legado dos Jogos Olímpicos para o país que o organiza. Instalações esportivas, receitas milionárias com o turismo, obras de infraestrutura. Mas para nós, o maior legado que Jogos Olímpicos deixam para a sociedade é o atleta¹⁷, o narrador biográfico.

Para Benjamin¹⁸ o senso prático é uma das características de muitos narradores natos, e a sua narração tem uma dimensão utilitária, seja num ensinamento moral, numa sugestão prática, num provérbio ou numa norma de vida. Essa utilidade não pode estar a serviço apenas da informação, que segundo Benjamin, a informação aspira uma verificação imediata, ela precisa ser compreensível “em si e para si” e assim, a informação chega acompanhadas de explicações. Diferentemente da narrativa, que para ele, metade da arte narrativa está em evitar dar explicações, o leitor está livre para interpretar a história como quiser e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação.

Segundo Bruner¹⁹ o narrador molda o conhecimento conforme os seus anseios e receios. Tecer e compartilhar histórias nos faz hábeis para imaginar o que aconteceria se. Ainda para Bruner, a narrativa é uma recontagem de planos humanos que não saíram como previsto, de expectativas que foram frustradas. Narrar é fortalecer outra condição humana que diz respeito a sua capacidade imaginativa de conceber inúmeras situações, ora hipotéticas ora concretas, que estão interligadas com nossa liberdade de escolha. Construimos e reconstruimos nossas narrativas constantemente para satisfazer as necessidades das situações que encontramos, e fazemos isso segundo as orientações de nossas memórias do passado e de nossas esperanças e receios do futuro. Falar de si mesmo é fabricar uma história sobre quem e o que somos, o que aconteceu e porque fazemos o que estamos fazendo.

A narrativa por meio das palavras formam teceduras e mapeamentos capazes de discorrer sobre o conhecimento, buscando a essência do ser que o torna humano e racional pela tomada de consciência, e com isso, criar estruturas temporais para a propagação do conhecimento. A narrativa por si só traduz uma forma de nos localizar no mundo em que vivemos e ao mesmo tempo encontrar soluções e significados para o bem viver e a elaboração de projetos.

5. Referências

1. Bruner J. *Atos de Significação*. Porto Alegre: Artes Médicas; 1997.
2. Nelson K. Self and social functions: Individual autobiographical memory and collective narrative. *Memory*. 2003;11(2):125-36.
3. Polkinghorne D. *Narrative knowing and the human sciences*. New York: State University of New York Press; 1988.
4. Popper K. *O realismo e o objectivo da ciência*. Lisboa: D. Quixote; 1987.
5. Popper K. *Conhecimento objetivo*. São Paulo: Edusp/Itatiaia; 1975.
6. Polanyi M. *Personal Knowledge*. London: Routledge & Kegan Paul; 1969.
7. Polanyi M. *The tacit dimension*. Gloucester: Peter Smith; 1993.
8. McAdams DP. *The Stories We Live by: Personal Myths and the Making of the Self*. New York: Guilford Press; 1993.
9. Machado NJ. Objetividade e subjetividade na construção do conhecimento. In: Arantes VA, editor. *Afetividade na escola*. São Paulo: Summus; 2003.
10. Damásio A. *O mistério da consciência*. São Paulo: Companhia das Letras; 2000.
11. P. R. A identidade narrativa e o problema da identidade pessoal. *Arquipélago*. 2000;7:177-94.
12. Elias N. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 1984.
13. Erickson F. Classroom discourse as improvisation: relationships between academic task structure and social participation structure lessons. In: Wilkinson LC, editor. *Communicating in the classroom*. New York: Academic Press; 1982.
14. Novaes A. *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras; 1994.
15. P. R. *Tempo e narrativa*. São Paulo: WMF Martins Fontes; 2011.
16. Ortega-y-Gasset J. *Meditações do Quixote*. São Paulo: Iberoamericana; 1967.
17. Rubio K. *O atleta e o mito do herói*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2001.
18. Benjamin W. *Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense; 2012.
19. Bruner J. *Fabricando Histórias: Direito, Literatura, Vida*. São Paulo: Letra e Voz; 2014.